

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER  
Curso de Bacharelado em Jornalismo

DOUGLAS DOS SANTOS FREITAS

**A ROTINA DE PRODUÇÃO NO TRABALHO DE REPORTAGEM NO  
TELEJORNALISMO EM URUGUAIANA - RS**

URUGUAIANA

2021

DOUGLAS DOS SANTOS FREITAS

**A ROTINA DE PRODUÇÃO NO TRABALHO DE REPORTAGEM NO  
TELEJORNALISMO EM URUGUAIANA - RS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do grau de bacharel em  
Jornalismo ao Centro Universitário  
Internacional UNINTER.  
Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dra. Karine Moura  
Vieira



## Curso de Bacharelado em Jornalismo

Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos oito dias do mês de dezembro de 2021 realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante Douglas dos Santos Freitas, portador do Registro Uninter 1991654 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, na modalidade monografia, sob o título A Rotina de Produção no Trabalho de Reportagem no Telejornalismo em Uruguaiana - RS e orientação do/a professor/a Dra. Karine Moura Vieira, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador/a 1: Me. Alexsandro Ribeiro

Examinador/a 2: Me. Marcia Boroski

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 10

Sendo assim, considerou-se o/a estudante aprovado.

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a:

*Karine Moura Vieira*

Examinador/a 1:

Examinador/a 2:

*Marcia Boroski*

Estudante:

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Criador de Tudo que É.

Agradeço as minhas gerações passadas como avôs e avós, que sem eles não poderia estar realizando esse sonho.

Agradeço imensamente aos meus pais, Vanja e Felipe que nunca desistiram de acreditar nos meus sonhos, no meu potencial e foram incansáveis em sempre zelar pela minha educação. Saber que vocês existem é sempre uma motivação a mais para acordar todos os dias.

Agradeço as minhas irmãs Fabiane e Raphaella, que mesmo de longe sempre torceram por mim e fazem toda a diferença em minhas decisões.

Agradeço aos meus sobrinhos pelo sorriso de cada um deles como forma de manifesto de apoio. A coragem é por vocês.

Agradeço a minha amiga Fernanda Soares, por sempre me motivar, seja com afeto ou palavra. A distância é mero detalhe quando a ligação é tudo.

Agradeço ao meu namorado Pedro Castelhana, por entender todas as vezes minhas ausências na sua companhia.

Agradeço imensamente a minha orientadora, Karine Vieira, por toda dedicação e paciência a mim, nesse TCC que rendeu inúmeros e-mails. Você é inexplicável.

Agradeço aos profissionais entrevistados, vocês foram fundamentais para a conclusão de um sonho.

Agradeço a banca por aceitarem avaliar o meu trabalho.

Por fim, posso afirmar que realizo a conclusão desse ciclo com muita gratidão no coração.

**“Minha alucinação é suportar o dia-a-dia, e o meu delírio é  
a experiência com coisas reais.”**  
Belchior

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem como tema a rotina e o processo de produção do telejornalismo na cidade de Uruguaiana, no interior do estado do Rio Grande do Sul (RS). Para tanto foi realizada uma pesquisa sobre a o telejornalismo, tipos de linguagens usadas constantemente nesse segmento, bem como uma observação da rotina de quem produz o telejornalismo no interior do Estado. O autor realizou o acompanhamento de jornalistas repórteres que trabalham no telejornalismo na sucursal do grupo RBS em Uruguaiana, através das metodologias observação participante e entrevista qualitativa foi possível analisar e entender melhor a rotina destes profissionais que atuam na região oeste do estado do Rio Grande do Sul. A interpretação dos dados coletados ajudou a identificar as rotinas e o processo de produção, bem como perfis de profissionais que trabalham como repórteres no telejornalismo regional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Telejornalismo; Repórter; Rotinas produtivas; Jornalismo no interior.

## **ABSTRACT**

The present bachelor thesis aims to cover the routine and the production process of telejournalism segment in the city of Uruguaiana, located in the countryside of the Rio Grande do Sul (RS) state. A literature research about the telejournalism is made, showing the types of languages that are constantly used in this segment, and the routine observation of the personnel who work inside this field is described. Several journalistic reporters were observed by the author, all based in the Uruguaiana branch of the RBS group. This observation consisted of accompanying and qualitatively interviewing the reporters that work for telejournalism in the west region of the Rio Grande do Sul state. The interpretation of the gathered data not only aided on the routine and production process identification of these reporters, but also helped on pointing out the professional profiles of the personnel who work as reporters in the local telejournalism.

**KEYWORDS:** Telejournalism; Reporter; Productive routines: Countryside.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	12
<b>3 O TELEJORNALISMO NO BRASIL</b> .....	15
3.1 A CONSOLIDAÇÃO DO TELEJORNALISMO NO BRASIL.....	16
3.2 A LINGUAGEM NO TELEJORNALISMO NO BRASIL.....	17
3.3 ROTINAS DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA.....	19
3.4 ROTINAS DE PRODUÇÃO NO TELEJORNALISMO.....	20
3.5 TELEJORNALISMO LOCAL.....	22
<b>4 EMISSORAS LOCAL DO ESTADO</b> .....	24
4.1 RBS TV URUGUAIANA .....	25
<b>5 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE</b> .....	27
5.1 DIÁRIO DE OBSERVAÇÃO.....	28
<b>6 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	37
6.1 ROTINAS E O PROCESSO DE PRODUÇÃO.....	37
6.2 PRÁTICAS DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE PAUTAS E PARTICIPAÇÃO DOS REPÓRTERES.....	38
6.3 DESEMPENHO DAS PRODUÇÕES DOS REPÓRTERES.....	40
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	44
<b>APÊNDICE (QUESTIONÁRIO)</b> .....	47
<b>ANEXO I (ENTREVISTA TRANSCRITAS REPÓRTERES)</b> .....	49
<b>ANEXO II (ENTREVISTA TRANSCRITAS COORDENADOR)</b> .....	55



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surge do desejo de compreender a rotina e o processo de produção do telejornalismo no interior do estado do Rio Grande do Sul. Para isso, analisa-se sobre o telejornalismo, passando por os tipos de linguagem usada nesse produto jornalístico.

Para que essa pesquisa fosse desenvolvida, foi observada rotina de produção de dois profissionais que atuam no telejornalismo no interior do Estado, bem como a realização de entrevistas para colaborar com a construção da identificação de como acontece o processo de produção dos profissionais.

Segundo Almeida e Hartmann (2017), a televisão é fonte de informação para a maioria dos brasileiros, tendo como princípio a responsabilidade social de informar. Telejornais nacionais informam o que é destaque no país, já os regionais abordam assuntos com maior importância pertinentes à sua região, com isso tem a característica de estar mais próximo do seu telespectador e principalmente do profissional que vive experiências semelhantes do seu público. Para Mata (2013), essa relação entre sociedade e o meio local é um sentimento que permite ao telespectador ver sua vida na televisão.

Profissionais que atuam em diferentes funções televisivas são imprescindíveis na realização de um elaborado trabalho para produzir um programa de telejornal, mas o enfoque deste estudo volta-se a um grupo específico que são os jornalistas repórteres, responsáveis pela produção de matérias jornalísticas, coletar materiais, investigar, analisar profundamente os fatos, entrevistar e transformar todo o conteúdo em notícia/reportagem para informar o cidadão de forma clara e objetiva (RIOS; LOPES; VALIM, 2021). Por vezes, eles possuem a companhia de uma equipe de externa composta por jornalistas cinematográficos e apoio que auxilia na produção, outras, atuam desacompanhados desempenhando a função de todos os profissionais (repórter cinematográfico e apoio) chamado de “repórter-abelha”, jargão usado no meio profissional jornalístico (CASTRO, 2021).

Baseado nesse ponto de vista relacionado à atuação do profissional repórter de telejornalismo, instiga-se a curiosidade do autor deste trabalho para compreender o processo de produção de reportagem televisiva no interior do

estado do Rio Grande do Sul, a partir da observação e acompanhamento de repórteres que atuam na externa na única emissora do município, a RBS TV - repêditora da Rede Globo de Televisão, na cidade de Uruguaiiana, na região centro-oeste do estado. Esses jornalistas desenvolvem o seu trabalho sem uma estrutura completa, ou seja, não há produtores, pauteiros, editores ou mesmo repórteres-cinematográficos para a cobertura de determinados assuntos. Eles atuam como repórteres multitarefas. Sendo assim, este estudo tem como problema de pesquisa a questão: Quais são as práticas e os processos de produção encontrados no cotidiano de quem atua em televisão (videorrepórteres) no interior do estado do Rio Grande do Sul?

A partir desta questão de pesquisa, trabalhamos com as seguintes hipóteses: 1) Os profissionais tem a necessidade de desempenhar com mais agilidade em conjunto com a exatidão das informações, porém quando o trabalho é realizado sozinho, essa necessidade é vista com um desafio. 2) A experiência de desempenhar o trabalho como um profissional multitarefa, traz pontos positivos como por exemplo a construção do material com mais autonomia.

Por ser a peça fundamental de um veículo e desempenhar um trabalho intenso, ter uma rotina diferente todos os dias e mesmo com toda a tecnologia desenvolvida na atualidade, o profissional de telejornalismo pende na sua maioria pela rotina de produção presencial seguindo as lógicas tradicionais de ir a campo para a produção de uma matéria por exemplo. A rotina produtiva do jornalismo tem como principal alicerce o trabalho em equipe, raramente será possível a autoria exclusiva, já que a produção depende de profissionais que atuem em conjunto (BECKER, 2005).

Neste contexto de produção, com uma rotina intensa e multitarefa, é possível perceber que há uma precarização na produção de conteúdo nas redações tradicionais e, também, nos novos arranjos econômicos de trabalho para a área, como afirma Fígaro (2018).

[...] portanto, o ser jornalista aqui é um ser dividido que sofre porque vislumbra e faz acontecer o jornalismo em que acredita, mas é impedido de dedicar-se integralmente a essa atividade porque não sobrevive dela. (FÍGARO, 2018, p.128)

Ainda sem muita literatura para que através disso seja explorado e conhecido a função de um jornalista em um telejornal, este pesquisador tem como interesse explorar, conhecer e também despertar interesses aos futuros jornalistas, demonstrando através de uma pesquisa a importância de um trabalho com responsabilidade. O jornalista desempenha uma função social muito importante no mundo de informar e isso é nobre (REMPEL, 2016).

O objetivo geral deste trabalho é analisar a rotina e o processo de produção dos profissionais que atuam no telejornalismo como videorepórter no interior do estado do Rio Grande do Sul. Como objetivos específicos: compreender as práticas do processo de produção como (produção de pauta e realização de vivos) e analisar o desempenho da produção do videorepórter e os seus resultados.

Para proceder com a pesquisa, no segundo capítulo, apresentou-se a metodologia de observação participativa, que tem como objetivo a coleta de dados a partir da participação e interação do observador com o objeto, para descrever todo o acompanhamento e observação realizada nos dias 28 de outubro e 11 de novembro, datas essas que os profissionais elencaram e desempenharam funções que poderiam ser observadas, já que a emissora não liberou a entrada deste pesquisador no interior do prédio da emissora na cidade de Uruguaiana, Rio Grande do Sul, após as observações foi realizada a entrevista qualitativa com cada um observado, também como metodologia de pesquisa.

No terceiro capítulo foi explicada a história do telejornalismo, a consolidação no telejornalismo, a linguagem usada, as rotinas de produção jornalística e no telejornalismo, o telejornalismo local, emissoras locais do estado e encerrando com uma breve história da RBS TV Uruguaiana.

O quarto capítulo apresentou o diário de campo com o relato de toda a observação participante, realizada durante os dias de acompanhamento aos profissionais da RBS TV Uruguaiana.

No quinto capítulo, apresenta-se a análise de dados desta pesquisa que busca compreender os significados dos dados coletados.

## 2 METODOLOGIA

Neste trabalho de pesquisa, busca-se compreender como é a rotina de um jornalista de televisão que trabalha em uma sucursal no interior, quais seus desafios, ganhos oculares e experiências adquiridas durante o seu dia a dia.

Emprega-se como metodologia para tanto, a observação participativa nos dias 28 de outubro e 11 de novembro, datas que foram autorizadas pela direção da emissora para realizar o acompanhamento dos trabalhos externos, já que não foi autorizado a entrada no prédio da emissora. Importante ressaltar que durante a realização dessa pesquisa, foi de maneira responsável e cumprido todos os protocolos de segurança contra a Covid-19, por esse motivo também foi elencado datas através das agendas dos profissionais que realizariam o trabalho externo.

Uma das vantagens da utilização dessa técnica é a possibilidade de um contato pessoal do pesquisador com o objeto de investigação, permitindo assim, acompanhar as experiências diárias dos sujeitos e aprender o significado que atribuem à realidade de suas ações (Ludke e André, 1986).

A definição da observação participante tem algumas semelhanças quanto as concepções e linhas de abordagem, comentadas por alguns autores, como Haguette (1995) e Minayo (1994). Para essa pesquisa, foi adotada a definição de Becker (1994), que se entende a necessidade do pesquisador na participação diária para a coleta de dados, participando do cotidiano, do grupo ou organização, observando as pessoas e seus comportamento em situações de produção e mais, de acordo com Becker e Geer (1969, p. 322), é:

[...] um método no qual o observador participa do dia a dia das pessoas que estão sendo estudadas, seja abertamente no papel de pesquisador ou secretamente em algum papel disfarçado, observando como as coisas acontecem, ouvindo o que é dito e questionado pelas pessoas durante um período de tempo. (BECKER; GEER, 1969 p. 322)

Quando se trata do assunto de pesquisa qualitativa, toda e qualquer atenção voltada à formulação de questionamentos básicos servem para a coleta de informações a serem estudadas (TRIVINOS, 1987; MANZINI, 2003). Um ponto semelhante entre os autores está na necessidade de perguntas básicas e principais para atingir o objetivo de suas pesquisas. Já para Manzini, é possível

um planejamento da coleta de informações por meio de um elaborado roteiro, isso ajudará alcançar os objetivos de pesquisa e também corrobora para uma melhor relação do pesquisador e o informante, auxiliando assim no processo de interação.

A presente monografia abordará os principais temas relacionados à profissão com dois jornalistas formados e que atuam em telejornais do interior do estado como repórter/repórter abelha e a participação do coordenador de telejornalismo da região. Como já citado acima, a pesquisa será composta pela metodologia de observação participante, afim de aperfeiçoar a construção desse estudo. A entrevista aplicada garantirá anonimato dos nomes dos profissionais afim de gerar maior conforto aos entrevistados, sustentando o sigilo de suas fontes; este formato tem como objetivo conhecer o que determinada pessoa com um perfil definido (aqui mencionado como jornalista repórter) pensa e se comporta. A análise deste questionário ajudará no trabalho de compreensão dos processos de produção no telejornalismo realizado na sucursal da RBSTV em Uruguaiana.

Nesse sentido, para nós, a entrevista pode ser concebida como um processo de interação social, verbal e não verbal, que ocorre face a face, entre um pesquisador, que tem um objetivo previamente definido, e um entrevistado que, supostamente, possui a informação que possibilita estudar o fenômeno em pauta, e cuja mediação ocorre, principalmente, por meio da linguagem. (MANZINI, 2004, p. 9)

No sentido de adquirir conhecimento e explorar dados, a entrevista tem como objetivo extrair informações de profissionais que atuam na área de telejornalismo e ocupam o cargo de repórter no interior do Estado. O uso desses dados expostos pelos profissionais deverá ser convertido em texto para permitir ao leitor um aprofundamento referente ao assunto, fornecendo informações completas; esse formato transcrito é a transformação verbal em que torna o que era apenas do conhecimento do entrevistado, público aos interessados a conhecer sobre determinado assunto.

Todos os pontos apresentados também serão analisados com o auxílio da devida revisão bibliográfica. Segundo Marconi e Lakatos (1991), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Tendo como o principal

objetivo a presença do pesquisador junto ao conteúdo sobre tal tema, para que posteriormente esse material auxilie na análise de suas pesquisas, é de suma importância a consulta da veracidade dos dados coletados, observando as possíveis contradições que algumas obras possam apresentar (PRODANOV, 2013, p. 54). Sendo assim, alguns dos autores para a análise serão: Roseli Fígaro (2018) Guilherme Rezende (2000) e Howard S. Becker (1994).

Os processos de pesquisa serão apresentados com o cronograma de atividades, previamente acordado com os entrevistados (repórteres e coordenador). As entrevistas serão feitas com perguntas iguais para os dois repórteres e outras perguntas para o coordenador de telejornalismo, a fim de entender as especificidades de cada um, e assim conseguir ter uma melhor visão do macro, quando pressupõe o tema proposto.

Foram realizadas três entrevistas através de e-mail, *whatsapp* e contato telefônico, após o encerramento das observações participantes.

As perguntas elaboradas para os entrevistados tiveram como objetivo compreender a rotina de dois profissionais enquanto repórter de telejornalismo e um coordenador de telejornalismo da região, criando assim um laço com perguntas para a construção do conhecimento e análise do tema abordado. Assim diante da perspectiva de cada entrevistado, será possível concluir a análise através do estudo dessas ações individuais.

Segundo Oliveira, Rodrigues e Ribeiro (2018), a pesquisa qualitativa é aquela que obtém dados de pessoas, lugares e processos recebidos diretamente do pesquisado para o pesquisador nos variados formatos como perguntas por mensagens, pessoais e escritas e na tradicional entrevista, com o objetivo de compreender os fatos.

Todas as perguntas foram elaboradas não só com o objetivo de entender as rotinas de produção, mas também o perfil de cada profissional que atua no telejornalismo na cidade de Uruguaiana, as respostas irão associar-se à observação participante para realizar a análise dos dados no capítulo seis.

Para essa pesquisa, a base da realização do roteiro de perguntas foi através da metodologia de pesquisa bibliográfica, mesmo bastante limitada, foi possível a leitura da evolução da rotina dos profissionais.

### 3. O TELEJORNALISMO NO BRASIL

Momento histórico celebrado em 1950, quando paralelo à chegada da televisão ao Brasil, o telejornalismo começa a sua primeira transmissão já no dia 18 de setembro do mesmo ano. O que era pra ser novidade, tornou-se segundo plano dando continuidade na valorização da expressão oral, já que os primeiros momentos ainda eram seguidos pelos formatos do pioneiro radiojornalismo.

Pioneira na América Latina a PRF-3 TV Difusora que logo mais seria batizada com o nome TV TUPI deu o *start* no ramo televisivo brasileiro, a emissora de TV implantou uma longa programação de cinco horas diárias. Mais uma vez a TV TUPI sai na frente e adiciona na sua programação o primeiro telejornal, o clássico e importante noticiário Imagens do Dia, mesmo que com o seu tom de rádio em uma televisão; o novo formato já era sucesso entre seu público que acompanhava as leituras narradas pelo locutor e visualmente era concebida imagens em preto e branco.

Mas foi três anos após a chegada da televisão que acontece a apresentação de um telejornal que entraria para a história e marcaria o início de um formato tele jornalístico de verdade, principalmente no que se diz respeito em transmissão de imagem e apresentadores. Em 1953 foi ao ar o telejornal Repórter Esso que figurava na programação como a mais importante fonte de informação da televisão. O jornal teve duração de vinte anos na TV Tupi e era apresentado pelos apresentadores Kalil Filho na cidade de São Paulo e no Rio de Janeiro por Gontijo Teodoro. Ambos eram antigos locutores de rádio, mas já estavam em processo de uma linguagem mais objetiva e outras características de telejornal.

As primeiras vozes anunciando realmente a novidade vieram de uma locução precisa e elaborada dos jornalistas ícones deste país, Cid Moreira e Luís Jatobá que apresentavam na TV Excelsior, o *Jornal de Vanguarda* que mais tarde encerraria as suas atividades pelo regime militar (PARTENOSTRO, 2003).

Com a necessidade do telejornalismo construir a sua própria linguagem, foi preciso se reinventar, a adoção do modelo americano trouxe para o telejornalismo os cineastas, com seus conhecimentos de décadas anteriores, suas peculiaridades como rebeldias fizeram com que isso se debatesse de frente

com os proprietários de grandes emissoras, porque bem eles queriam disfunções da sociedade brasileira na época, alguns desses cineastas citamos o nome Gregório Bacic, João Batista Andrade e Eduardo Coutinho.

A televisão brasileira terminava a década cada vez mais alicerçada em três vertentes dos programas de entretenimento de grande apelo popular: as novelas, os enlatados (filmes e séries em sua maioria procedentes dos Estados Unidos) e os shows de auditório. No telejornalismo, dois fatos assinalam o começo de uma nova fase: a criação do Jornal Nacional, na Rede Globo de Televisão e o fim do lendário Repórter Esso, na já combatida TV Tupi, depois de anos e anos de existência, muitos dos quais como líder de audiência na televisão brasileira. (REZENDE, 2000, p. 109)

Durante dez anos a televisão produziu conteúdo sem nenhuma tecnologia que pudesse realizar a gravação deste material, todas os programas eram realizado ao vivo, sem chance alguma de repetição na grade, mas foi na mesma linha do entendimento em gravar áudio que outra vez a evolução no telejornalismo não parava por aí, foi por volta de 1960 que aconteceria no meio televisivo a primeira gravação de um programa, para ser mais exato no dia 21 de abril daquele ano era apresentado a chegada do *videotape*<sup>1</sup>. Com a sua fabricação, foi possível realizar as gravações e as reproduções em outros horários determinados pelas emissoras e que muitas compartilhavam as suas imagens.

### 3.1 A CONSOLIDAÇÃO DO TELEJORNALISMO NO BRASIL

Como ponto de partida para uma virada de chave, em 1969 a TV Globo já estava alinhada para o lançamento que mudaria a forma de apresentação e colocaria em rede nacional a transmissão de seu telejornal. Naquele ano, em setembro, foi transmitido para pelo menos seis estados e suas respectivas capitais: São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Porto Alegre (RS), Brasília (DF), Belo Horizonte (MG) e Curitiba (PR). As transmissões foram realizadas graças ao satélite já construído com verbas que oriundas de um Fundo Nacional de Telecomunicações.

Foi no dia 1º de setembro de 1969 que a Rede Globo estreia o telejornal *Jornal Nacional*, a criação como uma imposição do mercado, era vista como uma necessidade técnica, tecnológica e mercadológica, com a ideia de transformar a



Rede Globo em uma estação nacional, não teria melhor laboratório que um telejornal que distribuiria imagens para várias partes do Brasil (principais cidades).

Como pioneiro em transmissão em rede nacional, o Jornal Nacional teve como desafio fazer com que telespectadores do norte ficassem interessados com a mesma matéria voltada para o sul do país.

Televisão é singeleza, concisão, objetividade e conexão entre o texto e a imagem. O telejornalismo é uma ciência. Não pode exigir do público um pensamento abstrato, pois a informação se perde. Mas também não se pode ser explicativo demais, para não perder o ritmo. (ANDRADE, 2019, p. 40)

Para registrar a consolidação da televisão no Brasil, Eugênio Bucci (2004), as telenovelas são as responsáveis por infundir nos brasileiros a vontade de acompanhar uma TV. Squirra (1989) confirma que o telejornal também assume um papel destaque na ao lado dos folhetins. Com isso, era notório que o telespectador tinha em sua casa duas vertentes, a ficção e o fato e, com isso, a construção de uma discussão da realidade. A televisão se consolidou no país de uma forma simbólica, porque juntos assumem o papel social de informar, cultural e social político da sociedade.

Sendo uma das principais fontes de informação dos brasileiros, os telejornais também consolidaram a sua participação na democracia do Brasil, tendo como principal ferramenta informar os principais direitos essenciais ao povo que vive em um país marcado pelas desigualdades no acesso e de bem comum (Coutinho, 2009, p. 65).

Atualmente a televisão tem grande alcance na população como fonte de informação no Brasil, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar 2011 (IBGE, 2011) a TV chega a 96,9% dos domicílios no país.

### 3.2 A LINGUAGEM NO TELEJORNALISMO NO BRASIL

Com um estilo de rádio, o telejornalismo no Brasil dá os seus primeiros passos e tinha como seu apresentador um locutor de rádio no qual era o responsável por transmitir as notícias. Meados os anos sessenta, de uma forma mais vagarosa começa a ser desenvolvido outros recursos técnicos como o

*videotape* por exemplo, mas a linguagem já um pouco mais elaborada de forma mais objetiva.

Para Gontijo Teodoro (1989, p. 03) o grande destaque para nova linguagem está na presença importante do grande telejornal Repórter Esso, inclusive que logo mais tarde serviria como fonte de inspiração para futuras emissoras de televisão que tinham em sua grade de programação um telejornal. Mas foi nos anos de 1970 que a tecnologia começou a ganhar forças e que a imprensa começou a lamentar a falta de embasamento nas notícias, foi aí então que houve a introdução da linguagem do repórter “in loco” que complementa a versão da fala do locutor.

Já na década de 80 que o crescimento da linguagem coloquial tomou forma. Nessa época foi lançado o material produzido pela Globo o *Manual de Telejornalismo da Globo*. Segundo o autor, Luís Edgar Andrade, as fontes usadas para a criação desse material tiveram como base as práticas trazidas pelos próprios jornalistas da emissora. Essa proposta de trabalho se deu por ideia do que acontecia nas reuniões, nas quais era comum discussões para avaliar a linguagem que seria usada. O resultado dessa construção só foi possível realizar o lançamento após dois anos.

O livro tinha um capítulo sobre as regras para escrever. Havia algumas regras usadas nos Estados Unidos, que se adaptavam a qualquer língua. Há uma regra que eu acho importante, que é a dos nomes próprios. Nunca comece uma frase com nome próprio. Primeiro se diz quem é o sujeito e depois o nome. Assim se sucedeu mais ou menos na Globo. (ANDRADE, 2002, p. 42)

As regras básicas que conhecemos hoje são frutos de experiências de jornalistas que começaram a sua carreira na televisão, “o nosso jornalismo estruturou-se criativamente, absorvendo com seletividade os modelos que nos insinuaram ou impuseram, adquirindo feição diferenciada” Melo (1985, p. 132).

Mas não podemos deixar de concordar que as influências americanas fizeram parte dessa construção, segundo Roldão (2002) elas existiram e devem ser consideradas fontes fundamentais para essa construção.

### 3.3 ROTINAS DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

As práticas realizadas e que auxiliam na organização do trabalho jornalístico são compreendidas como uma regulação conforme o tempo de cada produção, e elas vão além das demais repercussões das mudanças no processo produtivo no padrão, como por exemplo a precarização e terceirização da força humana para desenvolver os trabalhos.

As mudanças estruturais também influenciam na rotina da produção de uma notícia, e ela se dá devida as alterações socioeconômicas e inovações tecnológicas “Alguns formatos canônicos de texto jornalístico – como lead e a pirâmide invertida (Moraes 2004, p. 38), e os critérios de noticiabilidade (Jorge 2007, p. 64) permanecem nesse novo cenário”.

Uma das mudanças de rotinas mais exigentes que já pode ser identificada é a pressão do tempo sobre cada produção de notícia, junto a isso pode-se mencionar agregando à mudança acelerada dos processos e da rotina foi o desenvolvimento das tecnologias digitais. A velocidade da mídia que altera as relações do homem com o tempo (Virilio 1993; Wolton 2004) pode ser considerada uma das mudanças mais firme dessa passagem no jornalismo.

É na atividade de trabalho que estão implicados, no caso do mundo do trabalho dos comunicadores, os valores éticos que permitem fazer escolhas, adotar critérios, estabelecer procedimentos e rotinas produtivas ou quais se tornam regras, manuais, técnicas. Sem o questionamento, sem a crítica sistemática e permanente (sempre orientada pelo bem-comum), tais procedimentos e rotinas são naturalizados, tomam a forma de leis como se deve fazer (FÍGARO, 2011b, p. 77).

De fato, a produção noticiosa não possui semelhança alguma quando lembramos da segunda metade do século 20, um período marcado pelo padrão analógico e dos primordiais sobre *newsmaking* (Wolf, 2005, p. 181-182).

A cada nova etapa de mudança na rotina de produção, pesquisadores elegem como foco e interesse de diversas áreas a questionar as relações com novos processos e rotinas de produção no mundo dos jornalistas, observando as mudanças tecnológicas e técnicas na prática do jornalismo e, conseqüentemente, na mudança do perfil dos profissionais. Porém há quem considere insuficiente a

parte que esclarece o que realmente é uma rotina pela falta de pesquisas empíricas e que realmente façam valer as suas características.

Segundo o autor Sidney Winter (2000, p. 983), uma rotina de alto nível (ou uma coleção de rotina) equipara-se a uma capacidade organizacional, conforme em que se confere à gestão de uma grande organização com as opções de decisões para elencar as saídas com uma certa significativas e em um tipo específico. Ainda o mesmo autor argumenta, que as rotinas podem ser observadas como uma atividade repetitiva que se consubstancia no interior de uma organização e que decorre fundamentalmente da mobilização e da expressão de individuais.

Certamente as rotinas dentro de uma empresa funcionam com todas as suas características e as rotinas de produção jornalística podem funcionar conforme uma também, inclusive os padrões de comportamento são, de certo modo, formas de regras que invisíveis, e que tem como objetivo auxiliar a empresa, esse formato é como se um profissional estivesse já inserido no local e que se adapta ao ambiente sem perceber e auxilia a reduzir essas imprevistos, a dividir trabalhos e a realizar com excelências as tarefas, ou seja, a rotina oferece não só a estrutura organizacional às empresas, como também uma sequência e uniformidade em exercer o papel.

### 3.4 ROTINAS DE PRODUÇÃO NO TELEJORNALISMO

Empregadas às salas de redação e aos profissionais de jornalismo, podemos acreditar que as rotinas de produção acontecem como estruturas de comportamentos regrado. Contudo, entendemos que as rotinas são linhas essenciais que guiam as empresas jornalísticas. Para o sociólogo Philip Schlesinger (2004) “as empresas jornalísticas são como uma “máquina do tempo” que funciona diariamente marcada pelas horas de fecho” (apud TRAQUINA, 2004, p. 78).

“O profissional do telejornalismo passará até o final da implantação da tevê digital no país (2017) – uma mudança circunstancial no seu perfil e no seu modo de trabalho” (KNEIPP, 2014, p. 296). Não apenas diretamente com a televisão ou com o seu novo modelo de sinal, mas sim com o formato do meio de comunicação audiovisual.

É de forma clara que se entende que os temas tratados em telejornais são comuns aos portais de notícias, aos produtos jornalísticos de rádio se estendendo aos meios impressos, afinal todos eles produzem notícia ou seja, fazem jornalismo e os critérios, rotinas e produções são basicamente as mesmas.

Barbeiro e Lima (2002, p. 69) advertem que “qualquer reportagem fracassa se o repórter não disser o que é compreensível para uma pessoa comum”. E é por esse motivo que outros autores recomendam que ela deve ser falada em uma ordem cronológica, evitando assim qualquer duplo sentido na televisão.

Para toda forma é importante salientar que ao construir uma notícia para um telejornal deve ser de forma clara, sintética e objetiva. Mas essas características devem ser analisadas com revisão refinada, pois não são apenas por questões de comunicação com o telespectador, é transmissão de informação e ela “notícia” deve ser dada corretamente.

Em contrapartida existe um fator chamado tempo e para que ela “notícia” seja apurada e formatada corretamente, o jornalista precisa colher todas as informações. Enquanto tudo isso ocorre, os profissionais estão subordinados também pelo tempo, pois é ele que regula a produção de um material.

Tuchman (1999) defende que os profissionais jornalistas acreditaram que podiam reduzir a pressão da rotina como ameaças de processos, prazos “com a ideia de que o trabalho seria objetivo”. De acordo com Tuchman, o profissional requer a objetividade ao se debruçar em processos que ele segue para atuar, seja na forma de escrever, uma apuração, um fato e até mesmo editando uma publicação.

Desta maneira, os critérios para elencar a relevância são mais flexíveis e são de acordo com Altheide (1976), a noticiabilidade está ligada aos processos que tornam rotineira a produção telejornalística, ou seja, isso se deve ao fato de que é necessário a organização para realizar a frente aos fatos e variáveis imprevisíveis que marcam o jornalismo.

[...] a imagem de um processo estabelecido de maneira rígida e de uma avaliação esquematicamente preordenada da noticiabilidade é falaciosa: suas margens de flexibilidade e de ajuste induzem a adiantar uma hipótese sobre a natureza negociada dos processos de produção de informação. Sendo assim, o produto informativo parece ser o resultado de uma série de negociações, orientadas pragmaticamente, que têm por objeto o que deve ser inserido e de que modo deve ser inserido no jornal,

no noticiário ou no telejornal. Essas negociações são realizadas pelos jornalistas em função de fatores com diferentes graus de importância e de rigidez, e ocorrem em momentos diversos dos processos de produção. (MAGISTRETTI, 1981 e WOLF 2003, p. 200)

O processo produtivo no formato de telejornalismo conta com algumas particularidades que são diferentes de outros meios, a mediação entre os fatos e as imagens que são captadas pelos coprodutores, exige a atenção e participação ativa de jornalistas. Não existe tempo e nem espaço para coprodução em estado bruto.

Isso vai ao encontro às rotinas e critérios de noticiabilidade aplicada diariamente nas redações de telejornais. Segundo a autora Siqueira (2017, p. 60) hoje, com a tecnologia o crescimento de oferta de material de coprodução exige a necessidade de se estabelecer novos parâmetros de seleção, bem como qual motivo que determinado assunto vai ser transformado em notícia e centenas de outros não.

### 3.5 TELEJORNALISMO LOCAL

Os programas de telejornalismo local retratam a cultura popular na televisão brasileira, principalmente por trazerem às telas especificidades da vida cotidiana de um determinado lugar.

O telejornalismo local e regional faz parte da rotina dos brasileiros, a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016 afirma com 63% das respostas que, a televisão é o principal meio de comunicação para o brasileiro se informar. A segunda colocada é a internet com 26% e em terceiro lugar o tradicional rádio com 7%. Outro dado importante destacar é o tempo em que o brasileiro assiste TV, 77% dos brasileiros assistem todos os dias da semana, sendo que a média geral de tempo é de 3 horas e 21 minutos em frente à TV.

Acompanhar um telejornal local ou regional, proporciona ao telespectador a aproximação ao veículo de comunicação, Mata (2013, p. 80) refere-se o telejornalismo local como “a criação e manutenção de um vínculo de pertencimento e identidade entre as emissoras locais e regionais [...]”.

O jornalismo de TV que realmente é voltado para o público local, pode despertar e influenciar ao sentimento de pertencimento do cidadão, reconhecido

por ele de como ali fosse o seu espaço público. O telespectador que acompanha a programação, se identifica com a notícia porque os fatos noticiados da cidade fazem parte de sua rotina.

[...] ao inserir em sua programação, especialmente nos telejornais, imagens do cidadão comum, de entrevistados que estão nas ruas, prontos a dar sua opinião e ter sua imagem multiplicada, a emissora busca reconstruir sua marca local, de realização do que denominou-se de jornalismo de proximidade. (COUTINHO, 2006 p.15)

Se o jornalismo de TV nacional acrescenta na sociedade como um todo, acredito que o telejornal local funcione como fator determinantes para a reconstrução de uma cultura local, afirma COUTINHO (2008, p. 5). O telejornal não gira só em torno do assistencialismo, o telespectador se conecta com a cidade através da programação, ele assiste na televisão cidadãos vivendo a rotina semelhante a dele, enfrentando problemas na mesma proporção e um mesmo ambiente, o telejornal local é um mediador entre o receptor (telespectador) e a cidade.

Com esse fácil acesso às emissoras, o telespectador se envolve, mesmo que como um coadjuvante por muitas vezes, pois é ele que liga para a redação e narra um problema, uma história e efetivamente participa da reportagem, outros participam como protagonistas e assumem o lugar como entrevistado na matéria sobre determinado assunto da sua região.

[...] os fatos jornalísticos não são ilhas de acontecimentos, isoladas, como parece supor o fazer jornalístico contemporâneo. São sim, linhas contínuas que alinhavam o mundo, costura que deve contribuir para que o homem se sinta parte, e, se possível entenda, (d)o objeto que ele mesmo constrói. (RESENDE, 1999, p. 47)

Deste modo a cultura do telespectador vai se alterando acompanhado do processo de apropriação interpretativa dos produtos sociais, no caso específico do telejornalismo local, as práticas dos sujeitos telespectadores geram e fazem circular fundamentais ao processo de interpretação e construção do mundo.

#### 4 EMISSORAS LOCAIS DO RIO GRANDE DO SUL

Com o objetivo de expandir e tornar as transmissões nacionais, as empresas de comunicação no final dos anos 1950, viram que era necessário a ampliação da rede em outros estados que por enquanto ainda se concentrava nas grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. No Rio Grande do Sul especialmente, a primeira emissora de televisão foi ao ar em 20 de dezembro de 1959, a TV Piratini era mais uma do grupo de comunicação do então Assis Chateaubriand.

Conforme Finger (2009), em 29 de setembro de 1962 inaugurou-se a segunda emissora no estado, a TV Gaúcha, do então jornalista e empresário da área do rádio, Maurício Sirotsky Sobrinho, na iniciativa de disputar a audiência com a pioneira TV Piratini, Sirotsky encontra na apreciação da produção local uma maneira de atrair o público Gaúcho.

Na continuidade de inaugurações, entraram em operação a terceira emissora, TV Difusora em 1969, um destaque desta novata foi a realização da primeira transmissão em cores no país, durante a Festa da Uva em Caxias do Sul, em 1972 (FINGER 2009). Já na década de 70 inicia a transmissão da TV Educativa, em 1979 TV Guaíba e por fim em 1980 a TV Pampa.

[...] disputando um mercado cada vez mais competitivo e localmente restrito, as nossas emissoras passaram cada vez mais a veicular através de si, como um canal mesmo, as imagens globais que já não nos surpreendem e, deixando para trás inúmeras representações da sociedade local/regional. (Klipp, 2000, p. 55 apud FINGER, 2009)

As emissoras gaúchas não sobreviveram ao “sistema” das redes nacionais, algumas delas deixaram de existir, outras mudaram de nome, algumas filiaram-se à grandes redes nacionais e ainda algumas vendidas para Grupos como Bandeirantes, Rede Record. A TV Gaúcha que desde o início preocupou-se em expandir como uma rede de televisão e a primeira afiliada da renomada Rede Globo muda para RBS TV (Rede Brasil Sul de Televisão).

A RBS TV em mais de seus 55 anos, foi a única em investir na sua expansão, chegando a transmissão ao estado de Santa Catarina e acumula no estado atualmente doze emissoras; Porto Alegre, Caxias do Sul, Santa Maria, Erechim, Pelotas, Uruguaiana, Bagé, Rio Grande, Cruz Alta, Passo Fundo, Santa Cruz do



Sul e Santa Rosa - a sua última emissora inaugurada pelo Grupo RBS no Estado- , assim a RBS TV estabeleceu em sua hegemonia, criando vínculos de confiança na comunidade em que atua e passando a ser fator fundamental de desenvolvimento econômico, tanto para o Estado como em seu próprio benefício, certificando-se como a emissora mais assistida.

#### 4.1 RBS TV URUGUAIANA

Com a visão de expansão da emissora, a TV Gaúcha que logo mais em 1979 se chamaria Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV) visualizou a oportunidade de compra da TV Uruguaiana, inaugurada em 2 de abril 1974. Já em 1975 a TV Gaúcha (RBS TV) fez a aquisição da emissora, que foi a sexta sucursal da rede e se somou a outras já espalhadas pelo interior do estado.

Segundo as autoras Oliveira e Solares (2011), o início da TV Uruguaiana se assemelha ao início da televisão brasileira, formando a sua equipe com profissionais de rádio e do jornal impresso, também estruturando-se com programas de rádio já conhecidos em todo o território gaúcho.

Nas transmissões da capital, chegava até a emissora em condições instáveis, fazendo com que os planos da direção e coordenação de transmissão, fossem substituídos pelo envio de videotape, assim a solução encontrada manifestava outra particularidade, o atraso de um dia em relação à transmissão original.

[...] a televisão profissional de Uruguaiana utilizava-se de um equipamento quase amador para a produção de seus materiais, o super VHS, em fita magnética, o que limitava a qualidade da imagem visibilizada pela emissora local, quando em exibição com as outras grades de programação, da própria RBS TV Porto Alegre e da Rede Globo. As reportagens produzidas nessas cidades, especialmente em São Borja e Alegrete, eram realizadas em apenas um dia, com uma pré-produção via telefone. (Oliveira e Solares, 2011, p. 18)

Já em 1983 os problemas com o sinal foram resolvidos, a transmissão começa a ser emitida via satélite e os telespectadores passaram a assistir a programação normalmente, atrelado a esse marco, a TV Uruguaiana passa a ser chamada de RBS TV Uruguaiana, essa alteração vem de encontro a padronização das emissoras da RBS TV no estado e Santa Catarina.

O processo de produção também ganhou com esse avanço e os telejornais puderam noticiar com mais agilidade. Desde então os telejornais locais tem suas edições diárias, a RBS TV Uruguaiana transmitia os seguintes telejornais Jornal do Almoço às 12:00 e o RBS Notícias às 19:15, ambos com blocos locais.

Essas transmissões duraram neste padrão até o julho de 2019, quando ainda em cada emissora do interior do estado possuía um ou dois blocos locais do principal telejornal da emissora. A RBS TV passou por uma reformulação em sua estrutura e conseqüentemente as transmissões dos jornais locais também foram atingidas.

A partir de agosto de 2019 a reformulação trouxe também a combinação entre algumas emissoras, entre as 11 emissoras do interior do estado, agora concentra-se em 5 cidades, Caxias do Sul e Santa Cruz permanecem gerando seus noticiários, já Erechim, Santa Rosa e Cruz Alta, passaram a assistir o Jornal do Almoço gerado na cidade de Passo Fundo com 20 minutos de duração.

Bagé e Rio Grande assistem hoje a programação do Jornal do Almoço gerado em Pelotas, com duração de 10 minutos de telejornalismo local. Já região de Uruguaiana, fronteira oeste do estado, assiste o Jornal do Almoço gerado em Santa Maria, região central do estado, com 20 minutos de programação local.

Com essa reestruturação, a RBS TV não reduziu apenas as gerações dos telejornais, a mudança também afetou o quadro de colaboradores da empresa, hoje a região de Uruguaiana, centro oeste do estado possui para cobertura jornalística apenas dois repórteres, que exercem a função de videorepórteres.

A RBS TV Uruguaiana cobre oito municípios da fronteira oeste do Estado, são eles (Itaqui, Barra do Quaraí, São Borja, Maçambará, Alegrete, Manoel Viana e Quaraí). O sinal atinge 368.286 mil habitantes, num total de 120 mil domicílios com televisão, segundo dados obtidos em Bortolon (2001).

## 5. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Para a observação participante, foi realizada a solicitação para o acompanhamento dos profissionais repórteres da cidade de Uruguaiana que trabalham para a RBS TV, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul. O contato via telefone foi realizado com o coordenador regional de telejornalismo da RBS TV em Santa Maria, na região central do estado do Rio Grande do Sul. Depois da solicitação para a realização da pesquisa, foi enviado por e-mail um pedido formalizado que foi aprovado.

A observação foi realizada no período de 28 de outubro à 5 de novembro de 2021. Durante o período, foram acompanhadas as rotinas de produção dos dois repórteres da emissora que atuam no telejornalismo na cidade de Uruguaiana e que atendem toda a região fronteira oeste do Estado. Nesse período, eles produziram material para os principais telejornais do Grupo RBS TV: Bom Dia Rio Grande e Jornal do Almoço. Para observação, não foi autorizado o acompanhamento no espaço interno da redação. A justificativa foi a em função da pandemia de Covid-19. Desta forma, a observação ocorreu somente na produção das externas de cada um dos repórteres.

Conforme já citado acima na metodologia, os profissionais observados e entrevistados terão seus nomes resguardado, para que assim sejam preservados, gerando um melhor conforto a eles. Usaremos as seguintes denominações como Repórter 1, Repórter 2 e Coordenador.

O Repórter 1 tem 25 anos, formado em Jornalismo e em Letras pela PUC-RS, possui especialização em produção e revisão textual, assessoria linguística e comunicação pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter). Foi editor-chefe, editor de texto e de vídeo e repórter do Jornal da RDC, da RDC TV. Também produziu programas de jornalismo e de entretenimento na emissora.

O Repórter 2 tem 25 anos, formado em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) pela UFSM, possui curso profissionalizante na Universidade de Futebol (escola voltada para capacitação de profissionais na área do futebol – jornalismo), atualmente está cursando o último semestre da pós-graduação MBA em Gestão de Mídias e Comunicação interna de empresas, também é habilitado para atuar como repórter de rádio.

O Coordenador é formado em Jornalismo desde 2006 pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Trabalhou em emissoras de rádio do Vale do Rio Pardo como Rádio Santa Cruz, Rádio Gazeta e Rádio Venâncio Aires. De 2001 à 2019 foi repórter e apresentador da RBS TV Passo Fundo. Depois, passou pela supervisão e edição executiva da TV Anhanguera em Goiás, agora retorna ao Estado como Coordenador de Telejornalismo.

O processo de acompanhamento foi limitado por conta da rotina diária dos profissionais, ambos jornalistas não têm respectivamente entradas ao vivo todos os dias, o que torna difícil acompanhar durante um longo período. Isso acontece por não ter matéria ou factual que possa vir acrescentar durante os telejornais.

Durante esse período, foram observadas entradas ao vivo de cada repórter. O formato é a participação ao vivo do repórter falando da sua localidade diretamente para o telejornal. Não há edição e é utilizado quando é preciso reportar fatos que estejam acontecendo no momento e o repórter está no local. Como explica Bonner (2009, p. 85) “Ele está ali, naquele momento, dizendo o que você ouve em casa. É o tipo de material a que recorremos em situações bem específicas”.

## 5.1 DIÁRIO DE OBSERVAÇÃO:

28 de outubro:

### **6h45 - Primeira observação do dia, 28 de outubro - Repórter 1**

A primeira observação foi realizada no dia 28 de outubro, e teve início às 6h45. O profissional observado é Repórter 1 – cujo nome fictício para preservação de sua imagem e garantia de sigilo sobre informações – de 25 anos. O observado comunica a solicitação de uma entrada ao vivo pela coordenação de telejornalismo às 6h da manhã antes mesmo deste pesquisador chegar no local marcado.

O Repórter 1 logo que chega na sala de redação, geralmente às 6h para dar início à sua jornada, já recebe a informação que deverá realizar um ao vivo para todo estado. Neste dia, a pauta factual é sobre a solicitação de prisão por parte do MP. A solicitação em segunda instancia é baseado no fato sobre o roubo de

mercadoria que estava pronta para ser descartada, esse caso aconteceu em 2019 em um supermercado na cidade de Uruguaiana.

Na sua rotina ele faz a observação de pautas, visualiza se existe algum vivo caso isso não esteja no *I News*<sup>1</sup>, ele busca pautas para oferecer aos telejornais. Sobre os horários, ele entende como um ótimo tempo de trabalho para produção e que inclusive ainda conta com uma hora de almoço.

O repórter recebeu a pauta e o material já editado, o material estava inclusive já postado no portal do G1 na noite anterior. Com isso o repórter não precisou escrever um novo texto para a entrada ao vivo. Questionado sobre a apuração dos fatos, o repórter acrescenta que realizou baseado no texto do G1.

Seguindo sua rotina, o profissional explica sobre as técnicas que usa para realizar a entrada ao vivo: “antes de realizar o vivo, em dias mais tranquilos, realizo a apuração sobre o tema, escrevo o texto para calcular o tempo que usarei no espaço de cada entrada, logo envio para o meu editor para que seja analisado o texto e o tempo, raras vezes acontece alterações de palavras, principalmente alterações para palavras mais comuns, que facilitará o entendimento do telespectador”. Esse contato com editor acontece via *whatsapp*<sup>2</sup> e o texto é enviado também pela plataforma.

Nesse dia de observação aconteceu uma entrada ao vivo por conta de um factual no telejornal Bom Dia Rio Grande, às 6:55. “As coisas aconteceram muito rápidas hoje, mas geralmente, aqui no interior, sempre recebemos todas pautas que estão no *I News*, nesse programa está o espelho de cada programação da RBS TV”, explicou o Repórter 1.

Repórter 1 prepara o material para entrada ao vivo, como ele atua no formato repórter abelha<sup>3</sup>, necessariamente se desloca desde a redação ao local da pauta dirigindo o veículo da empresa. Ele também é responsável pelos cuidados dos equipamentos, confere todos antes de sair da televisão.

O repórter se desloca com o carro da empresa até o local da pauta, nesse dia, já estava com um vivo marcado para entrar, com uma notícia às 8h10, aproveitou que o local dessa pauta era na frente da praça central e realizou a sua

---

<sup>1</sup> I News – Sistema integrado de produção de rede usada pela emissora RBS TV

<sup>2</sup> Whatsapp – É um aplicativo multiplataforma de mensagem instantânea e chamada de voz

<sup>3</sup> Repórter abelha – Profissional multimídia/multitarefa

primeira entrada ali na praça. Chegando ao local, o Repórter 1 se prepara com uma certa antecedência, pois o primeiro vivo estava agendado para às 6h50 da manhã.

Enquanto realiza o aquecimento da voz, é hora de realizar também os ajustes na imagem. Questionado de como faz o foco por estar sozinho, ele demonstra uma técnica um tanto inusitada, colocando o microfone no chão, e com a câmera já posicionada no tripé, ele direciona a câmera para o microfone, ou seja, deixa ela diagonal ao chão, com isso atinge um raio de alguns metros, focada no objeto ele retorna com a câmera no modo horizontal e se posiciona na frente, o resultado é certeiro. O enquadramento escolhido é o plano americano.

Com os ajustes alinhados, é hora do Repórter 1 dar mais uma revisada no texto. Ele aproveita o tempo até que o celular toca, na ligação o editor chefe da RBS TV de Porto Alegre anuncia que em minutos ele estaria ao vivo para todo o estado.

Repórter 1 recebe as últimas orientações, faltando um minuto para sua entrada ao vivo e já na posição, ele dá o seu primeiro bom dia aos âncoras do programa Bom dia Rio Grande, que nesse dia recebe na bancada a dupla de jornalistas Simone Lazzari e Josmar Leite.

A entrada teve duração de um minuto e vinte e três segundos, ao ouvir “era isso Simone”, Repórter 1 faz sinal de positivo com a cabeça e encerra a sua primeira entrada ao vivo do dia.

Conforme o planejado, Repórter 1 desarma seu material, tripé, câmera, aparelho de sinal de transmissão, microfone e guarda todos dentro de um bolsa quadrada. Como a sua próxima pauta era em frente à praça do Barão do Rio Branco em Uruguaiana, e haveria a participação de público, Repórter 1 está há poucos metros do novo local da sua segunda participação daquele telejornal.

O repórter chega no local e arma todo seu equipamento novamente. Sobre uma dica de técnica, referente à bateria dos equipamentos, o Repórter 1 conta sobre o uso do equipamento que transmite o sinal: “Douglas, esse equipamento possui chips de diferentes operadoras, ele é o responsável pela transmissão da imagem, eu deixo tudo preparado e esse equipamento desligado, para poupar bateria, aciono ele somente quando recebo a ligação do meu editor”.

Nessa pauta, o Repórter 1 informou sobre um evento que aconteceria naquela noite do dia 28 de outubro no museu da cidade, a pauta com teor cultural.

O repórter convidou um casal de dançarino para que a sua passagem fosse contextualizada.

Com o pessoal chegando para participar daquela transmissão, o Repórter 1 já foi logo ajustando tempo de entrada do casal, distância, e ponto de apresentação, inclusive combinando a fala que convidaria o casal para entrar na cena. Porém na hora de ajustar a caixa de som levada pelo público, o aparelho apresenta problema e não liga. Como plano B, foi fornecida pelo pessoal do Centro Cultural Dr. Pedro Marini, uma caixa de som pequena que foi ajustada, mas o áudio ainda ficaria muito baixo, afinal a única fonte de energia estava no outro ambiente. Assim, o Repórter 1 planejou fazer uma saída de cena depois de apresentar o casal e estender o microfone até a caixa de som.

Tudo preparado, o Repórter 1 senta no chão para revisar o seu texto do vivo, faz novamente o aquecimento da voz. Neste momento ele mostra qual o formato que realiza o seu texto, no celular mesmo, escreve os pontos mais importantes em negrito, segundo ele, são palavras-chave para caso haja algum problema de leitura, ele possa lembrar o assunto.

Para esse ao vivo, o Repórter 1 já havia feito imagens de apoio, o “ilustra”. A produção realizada por ele, também recebeu a edição do próprio. O motivo é de que ele inseriu as palavras exatamente no tempo de cada imagem que iria cobrir.

O Repórter 1 recebe a ligação de Porto Alegre, mais uma vez o seu editor avisando que teria doze minutos para sua segunda entrada ao vivo no telejornal Bom Dia Rio Grande. O Repórter 1 faz seus últimos ajustes no equipamento da câmera, liga o sinal que faz a transmissão (nesse aparelho “liveU<sup>4</sup>” na parte lateral, tem um pequeno visor que mostra a imagem e qual é a sua conexão).

O Repórter 1 recebe a informação que o seu microfone está apresentando um problema. O Repórter em tempo recebe algumas coordenadas, onde é solicitado a conferir alguns ajustes de câmera e microfone, também informa os modos que o microfone está ajustado, retira o cabo já conectado e ajusta novamente na câmera. Faz o teste novamente, o microfone está apresentando algumas falhas (imperceptíveis para quem não tem conhecimento) mas a central da ok para continuar.

---

<sup>4</sup> LiveU - aparelho de transmissão de vídeo e áudio em HD

O Repórter 1 recebe o sinal de que seu vivo já começou. Logo o profissional repete o seu bom dia para os mesmos âncoras e começa a dar a informação.

Encerrando o vivo de um minuto e meio, ele já agradece o casal de bailarinos que estava na cena e completa com o agradecimento aos que participaram, transmitindo o resultado positivo que recebeu do pessoal de Porto Alegre. Neste momento aproveitou para questionar sobre algumas dúvidas, sobre figurino, se existe alguma orientação do que usar. O Repórter 1 responde que não existe um padrão, mas devemos observar algumas coisas como por exemplo, evitar o uso de xadrez, listrados, cores muito chamativas e claro, marcas com um certo tamanho.

Durante a entrada ao vivo, acontecia a reunião para decidir o que seria pauta no Jornal do Almoço regional, ou seja, na edição centro-oeste do Estado. A previsão era que o Repórter 2, realizaria um ao vivo sobre saúde, que estava programado para o dia anterior (27). Porém com o factual que já tinha ocupado um vivo no primeiro jornal do estado pela manhã, o assunto voltaria a ocupar o ao vivo naquela edição do Jornal do Almoço.

Encerrada a pauta, Repórter 1 carregou os equipamentos até o carro da empresa, retornando para a redação da TV onde fica até às 14h.

### **12h - Segunda observação do dia, 28 de outubro - Repórter 2**

No turno da tarde, ao continuar a observação da rotina diária, desta vez com o Repórter 2. O jornalista chegou na redação às 12h e recebeu a pauta diferente do que já estava na sua programação. O Repórter 2 já havia planejado um vivo sobre a saúde, na frente da UPA Zilda Arns, porém com um factual que já ocupou um ao vivo pela manhã, agora também era necessário a sua entrada ao vivo no Jornal do Almoço.

O Repórter 2 assume o plantão, pega o material para se deslocar até o local do vivo, em frente a um supermercado. O factual é sobre o caso em que um juiz havia absolvido os dois homens acusados por furto de alimento vencido em uma rede de supermercado em Uruguaiana.

Com a temperatura de 32º graus, o Repórter 2 chega 25 minutos antes da chamada, usa o tempo para preparação do foco da câmera e todos os equipamentos para realizar a transmissão. No local, por conta do horário, o



movimento de carros e pedestres acaba influenciando no áudio, o que faz o profissional concentrar-se com mais seriedade.

O Repórter 2 faz o ensaio do texto durante a espera do chamado da coordenação de Santa Maria. Neste meio tempo, é possível observar uma tentativa de atrapalhar a concentração do repórter, um rapaz com aparência de 35 anos acelera o automóvel, percebendo que de certa forma o som emitido pelo barulho do carro chega até a câmera, permanece durante dois minutos. É possível observar que foi de forma intencional, pois o motorista olhava diretamente para o jornalista que ali passava seu texto.

Questionado sobre as condições de produção da entrada ao vivo, Repórter 2 diz estar tudo bem, que é rotineiro algumas tentativas de atrapalhar o trabalho, mas que a concentração e seriedade no assunto e no trabalho, não deixam com que isso seja empecilho ou desorienta do foco.

O Repórter 2 avisa que fará duas participações no Jornal do Almoço para Santa Maria, o primeiro vivo seria um *teaser*<sup>5</sup> ou *chamada* para anunciar o assunto que seria abordado no próximo bloco do telejornal e depois voltaria ao ar para assim então explicar sobre o factual

Já com a chamada em andamento, o Repórter 2 recebe às 12:03 a ligação do Coordenador de telejornalismo de Santa Maria, anunciando os minutos que faltavam para ele entrar no ar e dar a chamada. 12h10, o Repórter 2 entra no ar e faz em pouco segundos a sua chamada.

No retorno do intervalo, Vanessa Backes jornalista apresentadora do Jornal do Almoço e editora-chefe da região centro-oeste do Estado, chama o Repórter 2 para falar sobre o assunto. Às 12h14 ele entra no ar, faz a explanação sobre o assunto, encerrando às 12h17.

Depois da realização do vivo, o Repórter 2 faz o recolhimento de todos os equipamentos. Com a pandemia, ainda é obrigatório o uso de máscara no Estado e visivelmente o calor lhe deixa de certa forma bastante desconfortável. Questionado sobre o calor, o Repórter 2 responde que está tudo bem, que já acostumou e são só alguns minutos.

---

<sup>5</sup> Teaser – é uma prévia, trecho ou uma sequência curta de um programa ou notícia

Ao se direcionar para o carro da empresa, questiono sobre a sua rotina depois do vivo, naquele dia, o Repórter 2 ainda não sabia como seria, pois como mudou a sua pauta repentinamente, ele acreditava que ocuparia a tarde para a edição de um material que estava já em andamento.

O Repórter 2 é jornalista e já desempenhou a função como repórter esportivo em rádio, teve suas primeiras experiências em campo para cobrir partidas de futebol. O Repórter 2 se despede e toma o carro da empresa se deslocando para a redação onde continuaria o seu plantão do dia.

11 de novembro:

### **12h - Segundo dia de observação, 11 de novembro - Repórter 1e coordenador**

O segundo dia de observação é com o Repórter 1 e seu Coordenador que participa da realização do vivo nesse dia, como observador.

O vivo dessa vez foi realizado no lançamento da Feira Internacional do Livro de Uruguaiana, na Praça do Barão do Rio Branco e será para o programa Jornal do Almoço. Ao chegar no local, já observo que o equipamento como câmera e microfone já estão apostos e com o enquadramento finalizado.

Como primeiro contato, me apresento ao Coordenador, anuncio que irei fazer o acompanhamento e observação da produção daquele ao vivo e a recepção é positiva.

Ao observar de poucos metros, avisto o Repórter 1 conversando e organizando a sua entrada junto ao entrevistado que esse ao vivo contou, com a participação, o Patrono da 44ª Feira Internacional do Livro de Uruguaiana. Enquanto não acontece o ao vivo aproveito para questionar o Coordenador sobre a sua vinda à Uruguaiana. Ele fala sobre a decisão de acompanhar os trabalhos dos repórteres a cada quinze dias: “assim consigo identificar na observação o que podemos melhorar e o que podemos ajudar”.

O Repórter 1 após organizar com o entrevistado, busca o mestre da banda municipal da cidade que fará parte da entrada ao vivo. É importante observar que

o Repórter 1 tem em suas características um jeito mais dinâmico, usa sempre elementos como músicas, danças e movimentos em suas entradas ao vivo.

Organizado com o mestre, o Repórter 1 retoma o seu lugar e agora para treinar o seu texto do ao vivo, sendo observado pelo seu Coordenador. Ele demonstra gestos leves de nervosismo, mas nada que venha atrapalhar a sua participação no telejornal. O Repórter 1 recebe a informação que em oito minutos entrará no ar e faz sinal ao seu coordenador e os envolvidos naquele ao vivo.

O Coordenador avisa que vai auxiliar o Repórter 1, ficando na câmera para poder dar movimento ao vivo e enquadrar quando o Repórter 1 chamar o entrevistado. No ar, Repórter 1 dá o seu boa tarde para a região centro-oeste do Estado e anuncia a sua participação da 44ª Feira Internacional do Livro de Uruguaiana, logo já chama o seu entrevistado – o patrono – e realiza a entrevista.

O Coordenador que agora opera a câmera, faz uma leve abertura para o lado para enquadrar o entrevistado e o repórter, ele analisa a imagem, ajusta alguns detalhes na câmera e observa atentamente o vivo de Repórter 1. É importante ressaltar aqui que o Coordenador já possui a experiência de repórter cinematográfico,

A entrada teve duração de quase 2 minutos e 20 segundos. Para finalizar o Repórter 1 encerra com a Banda Municipal de Uruguaiana tocando ao fundo da imagem. Com o fim da participação, o Repórter 1 agradece a todos envolvidos e dá início à desmontagem dos equipamentos.

Enquanto o Repórter 1 desarma todo material, pergunto ao Coordenador como é decidido as entradas ao vivo. Segundo ele, “depende da importância da pauta, se é realmente de interesse público, se é um evento comunitário como esse, com certeza vira vivo”. E completa: “os repórteres daqui também se envolvem na oferta de pautas. Eles ofertam para Santa Maria, o que pode acontecer da gente entender que é válido um vivo ou não, mas é importante destacar a participação deles”

Questionado sobre a participação com entradas ao vivo em rede nacional, o Coordenador explica: “sim, pode acontecer como um caso urgente. Por exemplo, o caso do acidente da cantora Marília Mendonça, o repórter da cidade entrou ao vivo, mas se for uma reportagem, a gente ajuda, realiza uma coprodução”, afirma

Coordenador. “E não por falta de profissionais e sim por questões técnicas e de qualidade de imagem, geralmente é um trabalho bem mais elaborado” completa.

Sobre o trabalho de novos profissionais na emissora e a coordenação em Santa Maria, o Coordenador explica como acontece a contratação dos profissionais e a coordenação da equipe à distância: “não existe muito mistério, as pessoas passam por um processo seletivo rígido, profissional formado e com 18 anos, a gente entende que está apto a realizar o trabalho e claro, nesse ponto entra a questão de confiança no profissional”.

O Repórter 1 termina de recolher seus materiais, agradece por mais uma observação e nos despedimos, ambos como repórter e coordenador se direcionam para a redação que fica há poucas quadras do local do ao vivo, onde ficarão agora trabalhando elaborando textos e editando imagens.

## 6. ANÁLISE DOS DADOS

A estruturação da análise será realizada a partir da observação participante e entrevista qualitativa semiestruturada. Na entrevista, os profissionais tiveram a possibilidade de apresentar as suas experiências. A organização da análise será realizada a partir dos objetivos propostos para essa pesquisa.

### 6.1 ROTINAS E O PROCESSO DE PRODUÇÃO

Na observação, foi possível entender que a rotina de produção dos profissionais tem como a base principal a exigência da dedicação de cada profissional, hoje o videorepórter é um profissional multitarefa, pois além de realizar as produções, ele também precisa entender da parte técnica para poder operar nos equipamentos.

Outro ponto importante destacar é a atuação dinâmica do profissional, pois é o repórter que vai trabalhar em todo o processo, ocupando funções que nas redações tradicionais são realizadas por outros profissionais, como o pauteiro, produtor, cinegrafista, editor de imagem, editor de texto. Para o Repórter 1, essa rotina de produção é bastante corrida, o tempo é bastante justo e a construção de um material bom, exige um certo tempo, coisa que com a rotina do dia a dia não permite em algumas vezes entregar um material de melhor qualidade.

Para o Repórter 2, a maior dificuldade é não ter equipe: “por mais que exista todo o suporte de forma exemplar em Santa Maria, não é a mesma proporção quando se tem pessoas ao teu lado”.

Em ambas situações observadas, foi possível identificar rotinas não comuns entre repórteres que contam com a ajuda de cinegrafistas, porém, essas rotinas são semelhantes entre os dois profissionais, como a agilidade em montar os equipamentos com tripé, câmera, microfone e aparelho que transmite o sinal.

Outra observação que é de grande valia sobre a rotina é a divisão de pautas entre ambos, não há uma determinação de que o Repórter 1 ou o Repórter 2 devem tratar unicamente até o desfecho da notícia. Se necessário, o Repórter 1 pode realizar um vivo sobre a pauta que o Repórter 2 também já realizou durante o horário do seu expediente.

O deslocamento da redação até o local das reportagens é realizado pelo próprio repórter. A empresa disponibiliza o carro e diferente do que aconteceria caso houvesse um cinegrafista, o repórter tem nesse período de deslocamento a perda de tempo, que poderia ser usado para a produção de material como a revisão de um texto, apuração dos fatos e até conversar com fontes.

Coordenador de telejornalismo que desempenha a função na RBS TV de Santa Maria, fala sobre a rotina dos profissionais nesse novo formato como multitarefa. No seu entendimento, após um certo tempo é perceptível que o formato adotado pelo Grupo RBS TV é prático e viabiliza a geração de conteúdos com maior praticidade.

Na observação, foi possível constatar a adaptação dos profissionais para desempenhar suas funções nesse formato. Desde que foi implantado em 2019, os profissionais já têm o domínio para a realização, porém é notório a falta de um auxílio maior. O que mostra uma certa precarização do trabalho do jornalista no contexto da produção no interior.

## 6.2. PRÁTICAS DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE PAUTAS E PARTICIPAÇÃO DOS REPÓRTERES

Foi possível compreender que, o processo de produção de pautas acontece a partir de uma reunião diária de pauta em Santa Maria. Geralmente essa reunião acontece pela manhã, na qual são ofertadas pautas da região direcionadas aos repórteres.

No primeiro dia de observação, ao questionar o Repórter 1 de como acontecem as pautas, ele explicou que na maioria das vezes são enviadas pela equipe de Santa Maria (coordenação e editora-chefe), mas, também há a participação e a possibilidade do envio de pautas pelo próprio repórter.

Com essa resposta é possível indicar a importância da participação do repórter na produção de pauta, pelo conhecimento da rotina da cidade. Conforme o coordenador de telejornalismo também afirma, Uruguaiana é uma cidade com 130 mil habitantes e as pautas da cidade são de suma importância para o editorial da emissora

Nesse dia (28) a pauta foi enviada para o Repórter 1 assim que ele chegou na redação, sem a necessidade de apurar, pois já estava com tudo checado. “Eu cheguei na redação às 6h, e já tinha no nosso sistema um assunto e um vivo programado para logo mais 6h45, sobre a pauta, não houve a necessidade de apurar porque na noite anterior o G1 já havia checado e publicado, então era só ler e entender” afirma o Repórter 1.

Vale ressaltar que a pauta no jornalismo é o primeiro processo que estabelece uma organização para os casos dos fatos, essa rotina é necessária para que os produtores realizem a produção dos materiais. Contudo, a pauta não pode ser tão rígida a ponto de impedir a cobertura de fatos inéditos e imprevistos, ainda que suas convenções ofereçam quase sempre uma “representação-padrão dos objetos” (HENN 1996, p. 94).

Nem sempre todas as pautas programadas vão ao ar. No primeiro dia (28) de observação havia um vivo programado para às 12h sobre saúde, mas a “pauta caiu” (expressão usada no jornalismo quando o assunto não vai ao ar) para entrar um factual sobre a condenação de duas pessoas que haviam roubado mercadorias que seriam descartadas no lixo.

Outro ponto importante observado é o compartilhamento de pautas e quem dará a notícia ou continuará trabalhando com ela. A pauta já citada acima sobre a condenação de duas pessoas foi motivo de duas entradas ao vivo no mesmo dia, a primeira pelo Repórter 1 às 6h para o telejornal Bom Dia Rio Grande e depois às 12h pelo Repórter 2.

Questionado sobre esse compartilhamento de pauta, Repórter 1 explica que não existe uma regra que estabeleça, mas em uma conversa entre os dois eles falam o que estão produzindo e, quando possível, dependendo do tempo de cada um, é possível ajudar sempre o outro colega e vice-versa. “Não existe pauta minha ou pauta dele. É pauta e a gente precisa dar a notícia” afirma Repórter 1.

O trabalho em conjunto pode ser compreendido analisado de forma positiva, pois com uma equipe tão reduzida, é necessário um suporte entre os repórteres para poder dar conta das demandas. Foi possível ver uma conexão de ambos repórteres durante as suas passagens na televisão e o compartilhamento de pautas.

A decisão do que vai ao ar é uma responsabilidade da coordenação do telejornalismo. O foco principal de um telejornal é sempre o factual. Para o Coordenador, “pautas coletivas, que tragam representatividade para uma comunidade são melhores avaliadas. Algumas situações rotineiras também, porém sempre vamos priorizar pautas com maior interesse da população”.

Observando a rotina de produção de pautas foi possível identificar que ambos os profissionais têm em comum o propósito social do jornalismo que é de informar, independente de qual deles tenha apurado o assunto. Também é possível entender que a participação dos repórteres da sucursal de Uruguaiana é de grande valia, pois eles têm o conhecimento amplo do que acontece na cidade.

É possível compreender a colaboração com a produção de pautas, ou seja, o repórter também tem a oportunidade de ofertar conteúdos importantes levando o nome da cidade para toda região e estado.

### 6.3. DESEMPENHO DAS PRODUÇÕES DOS REPÓRTERES

Mesmo com a reestruturação da emissora que afetou no fechamento da transmissão do bloco local, foi possível perceber uma participação efetiva dos repórteres nas produções da região.

Só no mês de outubro, segundo o Coordenador de telejornalismo regional, o número de entradas ao vivo para todo o estado com pautas sobre a região e o município foi de 52 participações em telejornais do Grupo RBS. Sem contar as reportagens fechadas na praça.

Esses números confirmam o que pôde ser observado, durante dois dias em dois diferentes turnos de observação, os repórteres da sucursal de Uruguaiana realizaram em média 2 entradas ao vivo por dia, isso contemplando estado e região.

O outro profissional observado, já tinha experiência com telejornalismo, foi por um tempo produtor de uma outra emissora e por algumas vezes realizou reportagens e algumas entrada ao vivo.

Essas evoluções dos profissionais são pontos observados pelo coordenador de telejornalismo, onde ele relata que a “adaptação foi bastante rápida em ambos os profissionais”.



Também é preciso ressaltar a realização de entradas ao vivo para rede nacional. Repórter 2 que está há dois anos e meio na emissora e já realizou três ao vivo para a Rede Globo, uma entrada no programa É de Casa e duas no telejornal Jornal Hoje. Já no formato reportagem, Repórter 2 realizou uma para o Jornal Hoje e outro para o Hora Um.

Baseado nesses números dentro da realidade que o telejornalismo local do interior sustenta, podemos inferir que as produções locais são bem aproveitadas dentro do contexto regional.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo entender a rotina e a produção do profissional de telejornalismo – videorepórter – no interior do estado, e mesmo que este assunto esteja com algumas limitações e bibliografias ainda restritas por conta de ser um assunto muito recente, conseguimos apresentar de forma objetiva, análises sobre os temas acima já citado.

Para compreender melhor sobre a rotina de produção, o primeiro capítulo apresentou como eram as primeiras rotinas de um telejornalismo, seguindo pela consolidação no país e entendendo a forma de produção da linguagem no telejornalismo.

A pesquisa também se estendeu com a intenção de explorar ainda mais sobre a parte técnica da rotina de produção jornalística, quando já entramos no assunto sobretudo de pessoas, profissionais que exercem essa função e suas rotinas diárias no telejornalismo.

Encerrando a parte teórica realizamos a explanação sobre o telejornalismo local, estudo sobre as emissoras locais do Rio Grande do Sul, onde foi possível destacar a história da televisão no estado e da RBS TV, a emissora escolhida para como objeto de pesquisa, a partir da sucursal da cidade de Uruguaiana.

Como metodologia trabalhou-se com a observação participante para compreender fatores importantes sobre a rotina de produção dos jornalistas. Também se utilizou a entrevista semiestruturada com os profissionais, para compreender a percepção sobre as suas práticas e rotinas.

Com o objetivo de compreender as práticas do processo de produção de pautas no telejornalismo e a participação dos videorepórteres, pode-se afirmar a importância da participação dos repórteres na produção de pautas e materiais a serem exibidos nos telejornais, principalmente locais.

Sobre entender a forma que se prioriza do que é notícia e do que vai ao ar, ao analisar o contexto de observação e as respostas às entrevistas, foi possível ver o principal é o factual, mas as pautas coletivas e de interesse público, tornam-se indispensáveis para ir ao ar.

Sobre o desempenho e os resultados dos profissionais na participação das produções regionais e nacionais, foi possível observar através de números, que a

produção tem obtido resultados positivos, com participações diárias ao vivo. Além disso, a coordenação do telejornalismo apresenta como assertiva o novo formato adotado pela emissora.

Quanto ao trabalho em equipe, foi possível identificar que os profissionais que atuam aqui na fronteira oeste, entendem a equipe de Santa Maria como um apoio, não só técnico, mas como de forma produtiva a colaborar com a produção de matérias.

É importante destacar que é do nosso conhecimento os limites deste estudo, tanto pelo período observado, quanto pelo número reduzido de entrevistados. Porém acredita-se no valor do trabalho em apresentar dados ainda pouco explorados sobre a realidade cotidiano de trabalho de profissionais com atuação multitarefa no telejornalismo do interior.

A pesquisa poderia apresentar mais detalhes sobre a rotina dentro da redação, porém, com as medidas restritivas em função da pandemia, a autorização da RBS TV foi apenas acompanhar os profissionais na parte externa, sem ter acesso à redação, ou mesmo, dividir o automóvel para que se pudesse entender como era esse deslocamento para as pautas. Neste contexto, não foi possível realizar o acompanhamento de nenhuma reportagem, formato importante a ser explorado e conhecer esta rotina de construção de uma matéria.

Importante destacar que as entrevistas estavam programadas para serem realizadas de forma presencial. Porém com a dificuldade encontrada em conseguir encaixar a disponibilidade com os entrevistados, optamos pela forma online, através de e-mail, *whatsapp* e por contato telefônico, para que o tempo de análise e os estudos das informações não fossem comprometidos.

Espera-se que essa pesquisa tenha contribuído para a para os estudos sobre o telejornalismo no interior e que de certa forma, possa mostrar que a rotina de produção dos repórteres de televisão está cada vez mais em constante evolução, mesmo com o enxugamento das redações e a sobrecarga de trabalho o que não é novidade no contexto do telejornalismo de interior, mas com a reestruturação das sucursais e a redução dos números de profissionais com as possibilidades de novas tecnologias, esse contexto de enxugamento vem se tornando uma realidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, L.E. Entrevista concedida à autora do livro **a linguagem oral no telejornalismo brasileiro** - Roldão, Ivete do Carmo: São Paulo: 2003.

BECKER, Beatriz. **A Linguagem do Telejornal**: um estudo da cobertura dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais. 2005

BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais. 2 ed.** São Paulo: Hucitec, 1994.

BECKER, H. S; GEER, B. **Participant observation and interviewing**: a comparison. In: McCall, J. G; Simmons, J. L. (Ed) *Issues in participant observation: a text and reader*. Reading: Massachusetts Addison-Wesley, 1969. p. 322-331.

BORTOLON, Clodovi. A percepção da comunidade sobre a contribuição econômica e social de uma empresa de comunicações para o desenvolvimento regional *B* o Caso da RBS TV Uruguaiana Ltda na fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2001.

BUCCI, Eugênio. **O Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 2000.

CARVALHO, Alexandre et al. **Reportagem na TV**: como fazer, como produzir, como editar. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

CASTRO, Daniel. **Repórter-abelha ganha versão digital em agosto. Folha de S.Paulo**. Ilustrada, 28 jul. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2807200004.htm>>. Acesso em: 24 set. 2021.

COUTINHO, (Orgs.). **40 anos de telejornalismo em rede nacional**: Olhares críticos. Florianópolis: Insular, 2009.

COUTINHO, Iluska. **Telejornalismo e Identidade em Emissoras Locais**: a construção de contratos de pertencimento. IV Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo. Porto Alegre: UFRS e SBPJor, 2006

COUTINHO, Iluska; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo. (Org.) **Telejornalismo em questão**. Coleção Jornalismo Audiovisual. Vol. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

CUNHA, Albertino Aor da. **Telejornalismo**. São Paulo: Atlas, 1990.

FÍGARO, R (Org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às grandes corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HENN, Ronaldo. **Pauta e notícia**. Canoas: Editora da Ulbra, 1996.

KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos. **Formação do telejornalismo brasileiro: trajetória, desafios e perspectivas profissionais na era transmídia**. In: LAGE, Nilson. 2000. **Estrutura da notícia**. São Paulo, Ática.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 1991.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo EPU, 1986.

MAIA, Aline Silva Corrêa, **O telejornalismo no Brasil na atualidade: Em busca do telespectador**: XVI INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada**. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

MATA, Jhonatan. **Um Telejornal pra Chamar de Seu**: identidade, representação e inserção popular no telejornalismo local. Florianópolis: Insular, 2013.

MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do Jornalista Brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

MINAYO, M.C de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3 ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.

OLIVEIRA, Gabriella e SOLARES, Márcia. **Série de microdocumentário RBS TV Uruguaiana: Uma história em capítulos**. São Borja, RS, 2011.

PARK, Robert. **A notícia como forma de conhecimento**. In STEINBERG Charles S. (Org). Meios de comunicação de massa. São Paulo: Cultrix, 1972.

PATERNOSTRO, V. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2006.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

REMPEL, Ronaldo Ely. **Função social do telejornalismo: Uma análise da série de reportagens “fome” da Rede Globo de televisão**. Lajeado/RS, 2016.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

RIOS, Aline Oliveira; LOPES, Dirk; VALIN, Silvia (orgs). **Produção de texto em TV: da pauta à transmissão**. Curitiba: InterSaberes, 2021.

SIQUEIRA, Fabiana. **O telejornalismo em transformação**. Paraíba. 2017.

SQUIRRA, Sebastião. **Aprender Telejornalismo: Produção e Técnica**. Ed. Brasiliense, 1989.

TEODORO, Gontijo. **Jornalismo na Tv**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1980.

TRAQUINA, N. (2004). **A tribo jornalística: Uma comunidade transnacional**. Lisboa Editorial Notícias.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIZEU, A. (Org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 91-108.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fortes, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Brasília, Ed. UnB, 2004.

## APÊNDICE

Abaixo as perguntas que foram realizadas durante a entrevista com os repórteres:

1. Porque você escolheu jornalismo?
2. Porque dentro do jornalismo escolheu ser repórter de telejornalismo?
3. Qual foi a primeira dificuldade que encontrou logo que decidiu que seria repórter?
4. Quais são, em sua opinião, os pontos positivos e negativos em ser repórter de telejornalismo?
5. Na rotina de produção, como você avalia a produção de notícias sem o chamado apoio técnico (cinegrafista, editor, pauteiro)?
6. Qual é a frequência de produção para um telejornal nacional? E como você visualiza a sua participação com conteúdo local a nível nacional?
7. Quais as especificidades da sua região de atuação?
8. No processo de construção da matéria, como você lida com a conquista de fontes sobre assuntos a nível estadual ou nacional levando em conta essa particularidade em ser do interior do estado?
9. Sobre a automatização dos processos, como máquinas que substituem pessoas, qual é a sua visão sobre esses casos?
10. Sobre o profissional multimídia, você acredita que por desempenhar mais funções, deve ter uma remuneração diferenciada?
11. Ainda sobre o profissional multitarefa, qual é o seu entendimento da autonomia que ele tem referente às produções?
12. Você já desempenhou funções semelhantes em uma capital? Se sim, qual é a diferença que pode se explicar sobre?
13. Qual foi a sua maior cobertura como repórter?
14. Pra você o que é ser repórter?

Abaixo as perguntas elaboradas ao coordenador regional de telejornalismo da RBS TV:

1. Como é a coordenação de telejornalismo de uma regional? Como funciona a rotina de trabalho com as sucursais como aqui em Uruguaiana?
2. Como a redução da equipe local em Uruguaiana afetou o trabalho da produção na região?
3. Os repórteres hoje são multitarefas. Como isso afetou a rotina de trabalho?
4. Como é composta a equipe que trabalha em Santa Maria e que faz o jornal rodar?
5. Quais são os principais requisitos hoje para ocupar uma vaga de repórter na RBS TV?
6. Uruguaiana é uma cidade chave, pois temos aqui na fronteira tríplice aliança, além disso um importante setor que é o agro e o comércio exterior. Existe a possibilidade de um dia voltar a ter o telejornal local por conta desses diferenciais?



## ANEXO I – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REPÓRTERES

### *Pergunta 1: Porque você escolheu jornalismo?*

**Repórter 1:** Sempre gostei de ouvir histórias e de estar em contato com a comunidade. Através do jornalismo, posso mostrar essas histórias.

**Repórter 2:** É uma sequência que vai desde um processo natural, processo pensado, meio termo. O meu pai trabalhou em rádio por muito tempo, só parou porque foi trabalhar em um banco e para alimentar os filhos, a gente sabe que no nosso meio é complicado. Ele sempre foi apaixonado por rádio e a gente sempre ouviu muito em casa e ainda tínhamos a viagem, nós morávamos longe de família então em nossas viagens a gente ouvia rádio a todo tempo, inclusive me lembro em uma passagem engraçada que quando eu ouvia a *Voz do Brasil*<sup>6</sup> eu brincava que a voz do cara me dava “vontade de vomitar” porque eu queria era ouvir música mesmo. Mas voltando ao assunto, o meu primeiro vestibular eu fiz pra administração, mas quando fui fazer cursinho pré-vestibular eu acabei decidido em fazer direito. Nesse meio tempo, eu fiz um teste vocacional bem elaborado com psicólogo durante dois meses, e deu que eu era da área da comunicação, da criatividade. Acabou que durante o ano optei a fazer jornalismo e fui me apaixonando cada vez mais. Não só por jornalismo, mas em si comunicação como um todo né e principalmente por rádio, que é a minha grande paixão.

### *Pergunta 2: Porque dentro do jornalismo você escolheu ser repórter?*

**Repórter 1:** A televisão é fascinante e tem um grande alcance. Ela junta som e imagem para dar luz às histórias contadas.

**Repórter 2:** Na verdade eu nunca pensei em fazer telejornalismo e na faculdade eu fiz rádio, fiz jornal impresso, fiz digital, fiz assessoria de comunicação e eu nunca fiz telejornalismo, com exceção de cadeira de “tele” que eu precisei

---

<sup>6</sup> Voz do Brasil – noticiário radiofônico estatal, produzido pela Empresa Brasil de Comunicação.

fazer alguma reportagem, mas que foram sofríveis, eu nunca gostei. O que aconteceu foi que eu estava voltando pra casa dos meus pais depois de dois anos trabalhando em um jornal e uma rádio de Bento Gonçalves/RS a RBS TV estava precisando de um repórter que tivesse essa linguagem mais informal, “essa era a ideia”, e no fim das contas eu falei “nunca fiz TV, mas se vocês toparem, eu vou” e foi isso, estou aqui trabalhando já há dois anos e três meses.

**Pergunta 3:** *Qual foi a sua primeira dificuldade que encontrou logo que decidiu que seria repórter?*

**Repórter 1:** Conseguir começar como repórter em si, já que desempenhava outras funções (produção e edição) em um outro local antes de virar repórter. Ressalto que essas funções são fundamentais para o meu trabalho como repórter.

**Repórter 2:** A maior dificuldade foi que eu cheguei sem experiência nenhuma de televisão, e logo já tinha um vivo marcado, peguei o carro da empresa, peguei o celular que a gente faz entrada ao vivo com o aparelho também, sem nunca ter entrado ao vivo na TV, e fui falar no jornal do almoço pra 1 milhão de pessoas, a dificuldade foi essa e no fim das contas nem foi um grande problema, mas foi um vivo bom, pensando nesse cenário todo. Mas entendo que foi uma dificuldade grande, porque foi o meu primeiro dia na cidade, meu primeiro dia no trabalho e primeiro dia entrando no ar ao vivo, eu cheguei, peguei o carro sem conhecer a cidade e fui pra Unipampa pra fazer essa entrada ao vivo, e o GPS do celular me mandou pra Unipampa de Itaqui, só percebi isso no meio do caminho, porque eu não conhecia nada, foi aí que eu parei numa empresa que tinha na beira da estrada e o rapaz me explicou que era para outro lado. Mas aconteceu o vivo e deu tudo certo.

**Pergunta 4:** *Quais são, em sua opinião, os pontos positivos e negativos em ser repórter de telejornalismo?*

**Repórter 1:** Os pontos positivos são contar histórias, estar em contato com a comunidade, ver o trabalho apresentado em uma grande emissora...o desafio da profissão é a mistura da agilidade com a exatidão.

**Repórter 2:** Os pontos positivos pra mim e que ficaram minimizada durante a pandemia que é o contato com as pessoas, repórter de telejornal te dá uma aproximação muito grande de público e eu acho isso muito legal, nunca vi isso como ruim, pena que com a pandemia mudou muito isso. Acho legal porque a gente tira essa ideia de ser intocável, até porque a maior parte das pessoas veem só o jornalista apresentador lá de terno e gravata, ou apresentadora de roupa bonita, e o repórter está ali né, todo ferrado. A parte negativa é algo mais estrutural que não é a RBS TV, não é outra emissora e sim o jornalismo mundial, essa necessidade de cases, não que não tenha que ter, longe disso, mas eu sinto que as vezes pra se encaixar numa narrativa tem que forçar cases, vai espremendo até conseguir.

E no jornal impresso por exemplo, tu tens case mas as pessoas falam mais, é difícil tu entrevistas pra uma TV, ainda mais sozinho, com um cinegrafista tu chega com o cara da câmera, ela vai falar, mas eu chegar sozinho, até montar, a pessoa já desistiu, então pra mim montar uma reportagem pra uma TV é mais difícil do que outro meio de comunicação.

**Pergunta 5:** *Na rotina de produção, como você avalia a produção de notícias sem o chamado apoio técnico (cinegrafista, editor, pauteiro)?*

**Repórter 1:** Acredito que isso seja uma tendência de mercado.

**Repórter 2:** (Optou por não responder)

**Pergunta 6:** *Qual é a frequência de produção para um telejornal nacional? E como você visualiza a sua participação com conteúdo local a nível nacional?*

**Repórter 1:** Geralmente, entramos em um telejornal nacional com os assuntos que envolvem a fronteira.

**Repórter 2:** Falo mais pela RBS do que pela Globo, mas a Globo é bem criteriosa pra colocar a gente no ar em telejornais a nível nacional e a RBS também, mas eles colocam a gurizada nova pra fazer o RBS Notícias que é o de maior audiência da RBS, e isso, o que significa na prática? É que tu levas tempo até tu

conseguir ter força pra entrar em telejornal a nível nacional. Eu já entrei algumas vezes, todos sempre o assunto é fronteira, é o nosso diferencial aqui em Uruguaiana. A frequência é sempre pouquíssima, mas isso não é só pra repórter de Uruguaiana e sim pra todos do interior, é pouquíssimas vezes. Dificilmente fecha conteúdo para a REDE (rede é a Globo), eu particularmente esperava mais, avaliando as minhas participações.

**Pergunta 7:** *Quais as especificidades da sua região de atuação?*

**Repórter 1:** Assuntos de fronteira, transporte, tempo, cultura...

**Repórter 2:** A gente tem uma região com pouco factual e isso atrapalha um pouco, não digo nem crimes e tragédias, mas tem poucas operações, tem pouco factual, resumindo, isso atrapalha a gente a entrar com mais fluidez, e até pra puxar mais reportagem planejada, atrapalha porque não tem o acontecimento aqui, números que também é outro ponto, porque tu nunca consegue dados com ninguém e fontes, as pessoas são mais tímidas aqui pra falar.

**Pergunta 8:** *No processo de construção da matéria, como você lida com a conquista de fontes sobre assuntos a nível estadual ou nacional levando em conta essa particularidade em ser do interior do estado?*

**Repórter 1:** (optou por não responder).

**Repórter 2:** Varia muito de pessoa pra pessoa, de fonte pra fonte, tem umas que são ótimas como por exemplo de transporte de carga, que é uma das coisas que a nossa região chama né, e tenho ótima relação com elas, inclusive já coloquei elas em telejornais como hoje, notícias, mas tem sempre a outra que não gosta de falar, então varia de pessoa pra pessoa.

**Pergunta 9:** *Sobre a automatização dos processos, como máquinas que substituem pessoas, qual é a sua visão sobre esses casos?*

**Repórter 1:** A visão e a sensibilidade humana são fundamental para a construção de uma matéria.

**Repórter 2:** Até hoje não se encontrou um equilíbrio pra isso, eu sou um cara entusiasta pra tecnologia, meu TCC e artigo acadêmico foi sobre a convergência na radiojornalismo que tinha trechos sobre podcast<sup>7</sup> no tempo que não tinha esse mundo de podcast, então eu fui depois e criei um estúdio em casa porque eu queria fazer esse tipo de coisa, então eu estudo muito sobre tecnologia e gosto muito e ela facilita demais, tu ouvir história do pessoal do jornalismo antigo de como era, gravar em fita e tinha que levar a fita e a fita estragava e hoje o processo muito mais fácil, muito mais tranquilo, agora quando se utiliza isso pra justificar diminuição de equipe, gastos etc. Já não vejo com bons olhos. Fato é que eu sou um cara que trabalho fazendo várias coisas ao mesmo tempo e não sei o que vai ser daqui pra frente.

**Pergunta 10:** *Sobre o profissional multimídia, você acredita que por desempenhar mais funções, deve ter uma remuneração diferenciada?*

**Repórter 1:** (optou por não responder)

**Repórter 2:** Sim, acho, porque vamos partir de uma perspectiva capitalista de vender a nossa força de trabalho, pra gente aparecer na televisão, por mais que tenhamos um contrato multimídia que prevê que a gente possa aparecer, mas não que a gente produza exclusivamente pro multimídia, a gente tem feito para o G1<sup>8</sup> por exemplo, partindo desse pressuposto, se eu faço mais coisa, devo ser melhor remunerado pra isso.

**Pergunta 11:** *Ainda sobre o profissional multitarefa, qual é o seu entendimento da autonomia que ele tem referente às produções?*

---

<sup>7</sup> Podcast – é uma forma de publicação de ficheiros multimídia na internet, e aos utilizadores acompanham as atualizações.

<sup>8</sup> G1 – site de notícias da Globo

**Repórter 1:** Dependendo do assunto, nós sugerimos pautas para os telejornais, sejam eles locais, estaduais ou nacionais.

**Repórter 2:** Não temos autonomia, então não tem como ter esse entendimento, realmente a gente reproduz o que o nosso trabalho normal é, que é responder editores e superiores sem uma autonomia.

**Pergunta 12:** *Você já desempenhou funções semelhantes em uma capital? Se sim, qual é a diferença que pode se explicar sobre?*

**Repórter 1:** Não.

**Repórter 2:** Não.

**Pergunta 13:** *Qual foi a sua maior cobertura como repórter?*

**Repórter 1:** Mudança nas regras de entrada na Argentina no final do ano passado. A matéria foi para grandes telejornais nacionais.

**Repórter 2:** Não soube responder.

**Pergunta 14:** *Pra você o que é ser repórter?*

**Repórter 1:** Antes de contar uma história, é preciso ouvir.

**Repórter 2:** Não sou muito adepto aquela máxima que a gente vê muito em faculdade, eu já ouvi, que jornalismo é pra mudar o mundo, fazer a diferença, eu não acredito muito nisso, porque daí tu coloca uma perspectiva muito macro e parece que a gente é super-herói, superpoderes, longe disso. Ser repórter é tu usar a visibilidade que a TV te dá, jornal, rádio, internet, pra tu mudar o teu entorno, mostrar o teu entorno, que jornalismo não é só denúncia e tal, embora eu prefira, muito mais reportagem mostrando problemas, não só por serem problemas mas para visar a mudança, infelizmente com a falta da diminuição da força que os meios

tradicionais tem e a gente vê menos impacto no jornalismo, então ser repórter é isso, de mostrar e os juízos de valor quem faz é a população, que assiste.

## **ANEXO II – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COORDENADOR**

**Pergunta 1:** *Como é a coordenação de jornalismo de uma regional? Como funciona a rotina de trabalho com as sucursais como aqui em Uruguaiana?*

**R:** De olho em tudo que acontece. Pautas coletivas, que tragam representatividade para uma comunidade são sempre melhor avaliadas. Algumas situações rotineiras, de problemas pontuais são avaliadas também, porém sempre valorizamos pautas com maior interesse da população e que envolva um número maior de pessoas.

Além disso, há o foco no factual. Acidentes de trânsito e desastres naturais, como enchentes ou secas, sempre tem espaço por envolver questões de cuidado e atenção com a população.

O trabalho específico das sucursais, como é o caso de Uruguaiana, é atender a comunidade. Temos uma população só na cidade sede com quase 130 mil habitantes e a fronteira é importantíssima para o nosso editorial.

**Pergunta 2:** *Como a redução da equipe local em Uruguaiana afetou o trabalho de produção na região?*

**R:** Pelo contrário. Cito aqui que em outubro de 2021, por exemplo, tivemos apenas com a equipe de Uruguaiana 52 participações ao vivo em telejornais do Grupo RBS. Isso somente ao vivo. Ou seja, sem contar as reportagens fechadas na praça.

**Pergunta 3:** *Os repórteres hoje são multitarefas. Como isso afetou a rotina trabalho?*

**R:** Houve, no começo, uma mudança na rotina de trabalho, principalmente aos profissionais que estavam habituados ao modelo com cinegrafista. Porém, com o tempo, se percebeu que o formato adotado é prático e viabiliza a geração de conteúdo com maior praticidade.

**Pergunta 4:** Como é composta a equipe que trabalha em Santa Maria e que faz o jornal regional rodar?

**R:** Hoje temos a necessidade de uma equipe de cinegrafistas (3) na praça geradora, Santa Maria. Além disso, há um operador de áudio e um diretor de imagens, na área operacional. Já no conteúdo de edição há a função do coordenador de jornalismo que opera a função de direção ao longo da exibição do jornal e também um operador de teleprompter. Também há a necessidade de um apresentador ou apresentadora.

**Pergunta 5:** *Quais são os requisitos para ocupar uma vaga de repórter na RBS TV?*

**R:** formação em jornalismo e registro da categoria.

**Pergunta 6:** *Uruguaiana é uma cidade chave, pois temos aqui a fronteira tríplice aliança, além disso um importante setor que é o agro e o comércio exterior. Existe a possibilidade de um dia voltar a ter o telejornal local por conta desses diferenciais?*

**R:** Hoje a nossa atuação é regional. Fizemos essa mudança apostando em novas tecnologias, mobilidade e também no reforço da região. Hoje não existe um plano de mudança nesse sentido.